

Utopia e Teologia da Libertação: A presença-ausência da paradigma utópico na *RIBLA* (1988-2000)

Lázaro Teixeira Trindade¹

Resumo: Esta pesquisa situa-se na aporetica entre Utopia e Teologia da Libertação. Ela aborda a presença-ausência do paradigma utópico na *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)* entre 1988 e 2000. Primeiro, descrever-se-á o estado da questão utópica e a metodologia utilizada na pesquisa. Depois, os resultados da pesquisa serão apresentados seguidos de sua discussão. Por fim, emergirá a noção de utopia que advém da *RIBLA* e suas características fundamentais. Disso concluir-se-á que: há na exegese da *RIBLA* um momento propriamente utópico.

Palavras-chave: Bíblia. Presença-Ausência. *RIBLA*. Teologia da Libertação. Utopia

Abstract: This research is situated in the aporetics between Utopia and Liberation Theology. It addresses the presence-absence of the utopian paradigm in the Latin American Biblical Interpretation Magazine (*RIBLA*) between 1988 and 2000. First, it will describe the state of the utopian question and the methodology used in the research. Then, the research results will be presented followed by their discussion. Finally, the notion of utopia that arises from *RIBLA* and its fundamental characteristics will emerge. From this it will be concluded that: there is in the exegesis of *RIBLA* a properly utopian moment.

Keywords: Bible. Presence-Absence. *RIBLA*. Liberation Theology. Utopia

1. INTRODUÇÃO

Qual a influência de um conceito ou paradigma extrabíblico na interpretação das Escrituras? Existem critérios pelos quais pode-se definir se eles são aptos ou não para o trabalho exegético? De fato, desde os Santos Padres, a Teologia e a Exegese serviram-se de tais conceitos e paradigmas para auscultar e falar da Revelação de Deus. Em continuidade

1 Lázaro Teixeira Trindade é diácono incardinado na Diocese Senhora Santana de Caetité (BA), bacharel em Filosofia (2016) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e Bacharel em Teologia (2019) pela mesma instituição. Em sua iniciação científica, realizada entre 2018 e 2019, como estudante de Teologia, foi bolsista da FAJE (por seis meses) e da FAPEMIG (por um ano), e foi orientado pelo professor Dr. Eugênio Rivas, SJ. Seu plano de trabalho vinculou-se ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado “Utopia e teologia latino-americana”. Este artigo final sintetiza e reelabora as contribuições de outros dois artigos publicados pelo autor no período de realização da pesquisa, a saber: *Utopia e leitura popular da bíblia: a presença da questão utópica na Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana – RIBLA (1988 - 2000)*, publicado nesta mesma revista (*Annales Faje*, v. 3, n. 5, 2018, p.79-91) por ocasião do VI Colóquio de Teologia e Pastoral e *Da exegese utópica à exegese da utopia: “presença-ausência” da utopia na revista de interpretação bíblica latino-americana (Ribla 1988-2000)* publicado nos Anais do 31º Congresso Internacional da Soter: Religião, Ética e Política. Organização: SOTER, Belo Horizonte, 2018 (p. 1596-1602). E-mail do autor: lazarocbi@hotmail.com.

com esta tradição, a Teologia da Libertação se apropriou do *paradigma utópico* para explicitar a ação de Deus e sua práxis libertadora em terras latino-americanas.

O uso do paradigma utópico não é consenso na Teologia da Libertação. Para uns a utopia é força de esperança, para outros, rompe com a originalidade histórica do Cristianismo. A problemática insere-se na polêmica relação entre cristianismo e marxismo. A *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* (1984) chama a atenção para a apropriação acrítica do instrumental marxista que reduz a aspectos puramente imanentes os componentes fundamentais da Revelação Cristã (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1984, p. 29).

Interpretando esta *Instrução*, Henrique Cláudio de Lima Vaz defende a incompatibilidade radical entre utopia-marxismo e cristianismo. Ao se propor como motor da história, a utopia nega o Evento Cristo como “lugar hermenêutico” fundamental da Teologia Cristã da História. Ela encerra a dialética história e meta-história no nível da imanência fazendo com que não se consiga perceber a salvação de Deus no tempo e no espaço (LIMA VAZ, 1984, p. 10-13).

De encontro à interpretação de Lima Vaz, Libânio (1989a, p. 92-100) mostra que o paradigma utópico é algo constitutivo do homem. A utopia é a face imanente da Esperança Cristã não fechando o homem a dimensão meta-histórica e transcendente (Ibid., p. 104). Neste sentido, utopia e cristianismo não são incompatíveis. Hinkelammert (2013, p. 20), neste sentido, chama atenção para a “ingenuidade anti-utópica”: pois uma sociedade sem utopias já é uma utopia. A isso, soma-se o desencanto das novas gerações que – mesmo perdendo a dimensão de futuro – anseiam por transformações radicais, isto é, por utopias (ALMEIDA, 2018, p. 27).

Este trabalho transpõe essa questão para o campo da exegese popular da bíblia. Aqui se analisará a influência da utopia na exegese bíblica latino-americana tomando como base uma revista paradigmática nesta relação entre os anos de 1988 e 2000: a *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA). Esta consiste num periódico de leitura popular da Bíblia que emergiu das experiências de fé das comunidades de todo continente. A RIBLA é uma revista de intercâmbio entre biblistas, comunidades e toda a sociedade. Sua intenção primeira é incentivar a centralidade da Palavra de Deus na vida de fé dos cristãos latino-americanos uma vez que “as dores, utopias e poesias dos pobres se tornaram mediações hermenêuticas decisivas para leitura bíblica na América Latina e no Caribe” (SCHWANTES, 1988a, p. 5).

Deste modo, o uso do paradigma utópico ajuda ou atrapalha a reflexão exegética? Esta é a questão que guiou a presente pesquisa. Aqui demonstrar-se-á a tese de que somente uma autocrítica da exegese utópica pode tornar o uso deste paradigma viável. Tal crítica revela o mais originário da utopia, com sua potência simbólico e mítica, possibilitando o diálogo entre a bíblia e a realidade da América Latina.

2. EM BUSCA DE UMA EXEGESE UTÓPICA: RIBLA (1988-2000)

A metodologia aplicada para a realização da pesquisa consistiu numa análise e sistematização conceitual do paradigma utópico presente nos trinta e sete números da RIBLA entre os anos de 1988 e 2000. Primeiro analisou-se como a Utopia está presente-ausente nos textos da RIBLA identificando as principais citações e qual o lugar do lexema “utopia” na hermenêutica dos teólogos e biblistas da RIBLA. Em seguida, essas recorrências foram organizadas e sistematizadas em categorias que manifestassem o que esses autores entendem por utopia.

Sendo assim, a pesquisa não toma uma definição *a priori* de utopia para depois perscrutar se ela aparece ou não na RIBLA. Por isso, trabalha-se aqui com a expressão “paradigma utópico” e não com o conceito de *utopia*. O primeiro indica um certo horizonte de sentido, não unívoco, pelo qual os autores leem a realidade. O segundo denota uma compreensão mais delimitada e definida “desde fora” da pesquisa.

Na análise, optou-se por uma leitura cronológica do material enfatizando as recorrências lexicais do termo “utopia” e seus afins. Logo, não foi objeto dessa pesquisa empreender uma exegese direta dos textos bíblicos, nem se usou desta para corrigir ou legitimar a “exegese” da RIBLA. Não obstante, a pesquisa se valeu de categorias filosóficas e teológicas que advêm do *status quaestionis* da utopia, principalmente na América Latina.

O conceito de utopia na RIBLA será esboçado somente no momento da sistematização. Neste momento, as várias citações foram agrupadas segundo três critérios: (1) se são de interpretação bíblica ou de teologia sistemática, (2) se possuem uma visão positiva ou negativa do termo utopia. Por último, e mais importante, (3) se tomam a utopia como uma “forma” (gênero literário) ou como “conteúdo” dos textos bíblicos e sistemáticos. Além disso, uma atenção especial fora dada ao v. 24 (1996) da revista. Totalmente dedicado à utopia, ele marca uma evolução do paradigma na RIBLA.

A partir destes critérios, a pesquisa discute em que medida a utilização do paradigma utópico é ou não plausível para a teologia bíblica latino-americana. Nesta perspectiva, confrontou-se o conceito de utopia que emergiu da análise e sistematização da RIBLA com algumas categorias exegético-teológicas fundamentais tal como a de “Esperança Cristã”. De tal confronto emergem os limites e as possibilidades da relação entre utopia e Teologia da Libertação.

Dito isso será preciso apresentar as principais recorrências do lexema utopia nos 37 volumes da RIBLA entre 1988 e 2000 destacando os artigos de exegese bíblica e de “realidade pastoral”. A partir daí esboçar-se-á as linhas fundamentais do conceito de utopia presente na RIBLA, a saber: força dinamizadora, resistência crítica e ligação com as culturas populares.

3. PRESENÇA-AUSÊNCIA DO PARADIGMA UTÓPICO NA RIBLA

O termo “utopia” é citado 424 vezes nos 37 volumes pesquisados da RIBLA (1988-2000). Ele aparece em todos os volumes com exceção dos vv. 5-6, 17 e 20 que versam respectivamente sobre a “dívida externa dos países latino-americanos”, sobre “os Escritos Joaninos” e sobre “A pessoa do apóstolo Paulo”. Além disso, o v. 24 (1996), intitulado *Por uma terra sem lágrimas*, é totalmente dedicado à utopia. Neste sentido, percebe-se que a exegese da RIBLA é marcada pelo paradigma utópico. Nas primeiras linhas da revista, a utopia emerge como uma mediação hermenêutica decisiva para leitura bíblica na América Latina (SCHWANTES, 1988a, p. 5). Tal leitura da Bíblia se dá de dois modos na RIBLA: (1) nos **artigos de interpretação bíblica** e (2) em textos que refletem situações de **atualidade pastoral**.

Nos artigos de interpretação bíblica, o maior uso do lexema “utopia” corresponde à hermenêutica do Antigo Testamento (AT). A “utopia” está relacionada a expressões como “vida abundante”, “terra que corre leite e mel”, “Promessa” e “Aliança”. A utopia remete à espera da ação de Deus na vida do povo de Israel, em especial do campesinato, destinatários e partícipes da utopia (MESTERS, 1996, p. 102). De maneira geral, os textos do AT traduzem o desejo de libertação popular que os autores da RIBLA nomearam de “utopia”. Neste sentido, a profecia é a porta-voz da utopia, como afirma Croatto (2000, p. 24):

A ideia central é destacar que na redação dos mesmos, os autores queriam, em última instância, gerar uma **utopia de libertação**, de realização de seus destinatários judeus como povo em sua terra, a **utopia de um futuro** em nova aliança sem retorno a infidelidade, mas sim com recuperação econômica, política e religioso-cultural².

Assim, o vocábulo designa o conteúdo da mensagem profética e veterotestamentária tornando-se instrumento de fidelidade e resistência pela qual o Povo de Deus se opunha a seus opressores. Os autores da RIBLA leem os grandes símbolos da história de Israel em chave utópica como, por exemplo, a figura de Sião-Jerusalém (Is 66) e a Lei do Jubileu (Lv 25). Na maioria das vezes este uso é positivo. Em outros casos, o vocábulo é usado de maneira pejorativa tal como o faz Galazzi (1992, p. 94) ao refletir sobre o Jubileu (Lv 25): “uma utopia anacrônica e nunca realizada”.

Em ambos os casos, o paradigma utópico emerge como uma solução exegética para as questões bíblicas. Aqui a utopia é entendida como um gênero literário. Ela suscita a imaginação crítica e criativa gerando novas maneiras de pensar e de agir (ZAVATIERO, 1989, p. 24). Através da utopia, os autores transitam entre as narrativas veterotestamentárias e a realidade das comunidades latino americanas. Essa abordagem se repete na maioria dos textos. Não obstante, é notável a ausência do lexema utopia na exegese do bloco sapiencial.

Na exegese do Novo Testamento (NT), o lexema está ligado a realidades como: o Reino de Deus, a esperança, a ressurreição e o “novo céu e nova terra”. Além disso, também a prática

2 Tradução e Negritos nossos.

e a pessoa de Jesus manifestam uma utopia de vida nova (GONZALO, 1994, p. 96). Para os autores da RIBLA, a imagem da Igreja presente em Mt 18 é também uma utopia que guia as primeiras comunidades. Esta utopia orienta as igrejas: o importante não é a realização da “utopia”, mas estar caminhando na direção histórica e evangélica impelida por ela (RICHARD, 1997, p. 6-8).

A exegese da 1 e 2Pd enfatiza a manutenção da utopia como “resistência”. Neste sentido, a utopia alimenta as esperanças da comunidade frente às dificuldades da fé como o retardo da *parousia* e a relação com os poderes civis. Do “reino da utopia” retira-se as energias necessárias para o aqui e o agora das comunidades. Tal movimento é atualizado para o contexto da modernidade:

A proposta da modernidade é um regime de eficiência, produtividade, e avanço tecnológico. É a negação de outros valores como a arte, a dignidade da pessoa humana, a necessidade não só de produzir, mas de distribuir com justiça. Porém, é sobretudo a morte dos sonhos, a negação dos ideais e **a orfandade da utopia** [...]. **Negar a utopia** de uma sociedade nova é matar a possibilidade de resistência. Anunciá-la é ao **contrário negar o fracasso do Reino de Deus** e pinçar a esperança construtiva dos cristãos (RODRIGUEZ, 1992, p. 54)³.

De maneira geral, os autores da RIBLA procedem relacionando e identificando, no texto bíblico, os anseios e projetos das primeiras comunidades, isto é, “suas utopias”. Também aqui opera-se uma atualização da mensagem mostrando que as “utopias bíblicas” correspondem às utopias da comunidade Latino-Americana. Não obstante, é notável a ausência do lexema utopia na interpretação dos textos paulinos e joaninos. Nos escritos paulinos, as poucas menções identificam utopia e esperança no contexto do retardo da *parousia*. Já nos escritos joaninos, o lexema liga-se a exegese do Livro do Apocalipse.

Nos artigos de exegese bíblica, o termo utopia exerce a mediação entre a Palavra de Deus e a atualidade. Tal caráter deve-se a presença da utopia na Bíblia e a presença da Bíblia nas utopias populares. A leitura utópica das Escrituras indica um “para onde” a ser percorrido criando novas maneiras de compreender, viver e esperar (RICHARD, 1988, p. 14). Num primeiro momento, a utopia é *conteúdo* comum entre as Escrituras e as comunidades. Ela é uma realidade para ou pela qual tendem a Bíblia e a Teologia Latino-Americana. Noutro momento, ela é *forma literária* comum à Bíblia e a realidade e, portanto, mediação hermenêutica.

A utopia enquanto conteúdo torna-se explícita nos artigos que aqui são nomeados de “atualidade pastoral”. Tais artigos não se detêm na exegese de um texto bíblico, mas comentam, à luz da teologia, algum acontecimento ocorrido nas comunidades da América Latina. Mesmo em menor número, estes textos enfatizam a importância da utopia. Ao comentar os 500 anos da colonização do continente Americano, Severino Croatto vê na imaginação

3 Tradução e Negritos nossos.

utópica, o caminho para projetar tempos melhores (CROATTO, 1992, p. 48). Além disso, para estes autores o que sustenta e mantém a perseverança das comunidades é a utopia que elas comportam.

Pois a **utopia** levanta energias ocultas que os pobres não quiseram entregar a seus dominadores. A sua inteligência encontra refúgio e apoio na **utopia** para não se deixar conquistar pelo dominador. A **utopia** não se realizará tal qual, mas graças à **utopia os pobres salvam uma parte de sua força de humanidade**, o que lhes permite trabalhar para derrubar o reino dos seus dominadores e suscitar um projeto alternativo que lhes pareça superior à desordem estabelecida (COMBLIN, 1989, p. 41- 42)⁴.

Neste sentido, a utopia comporta o resquício de humanidade daqueles mais pobres e oprimidos. Pode-se dizer que ela é a dignidade deles: o que os faz “humanos”. Por isso, os artigos apontam para a fundamental manutenção da utopia (RODRIGUEZ, 1992, p. 45). Fala-se da utopia das CEBs em sua luta e organização popular (PIXLEY, 1991, p. 91). A própria ressurreição emerge “como força de utopia que impele os povos a continuar lutando” (RAMIREZ, 1988, p. 59-60). Segundo esses artigos, nenhuma situação pode ser mudada ou transformada se, antes, não é sonhada ou planejada.

Não obstante, alguns autores mencionam a utopia de forma negativa. Neste caso, entende-se a utopia como algo “ilusório” ou como fruto da ideologia de Mercado. Nesse contexto, Miguéz (1998, p. 6) afirma que a “vida plena não é uma utopia”, mas é o que orienta a vida dos homens no concreto, na economia real e no imperfeito da existência. Ora, tais acenos para a face negativa do lexema “utopia” sinalizam para uma inflexão da relação entre o *paradigma utópico* e a RIBLA ocorrida a partir da RIBLA v. 24 subintitulada “redimensionado nossa utopia”.

A intenção deste volume é “ir das grandes utopias para as pequenas esperanças” (SCHWANTES, 1996, p. 205). Essa diretriz mostra que o conteúdo da “utopia” na RIBLA passa a valorizar as pequenas mudanças ao invés das grandes revoluções. É uma utopia que toma corpo à medida em que é pensada e sonhada (ARANGO, 1996, p. 8). Ora, isto é capital porque relativiza o uso do paradigma utópico: “nenhuma utopia pode ser absolutizada, é preciso sempre resguardar um nascimento, dores de parto, de ver o mundo pela primeira vez” (PEREIRA, 1996, p. 24).

Com isso, nota-se que alguns dos autores da RIBLA não tomam apressadamente o lexema utopia. Eles operam uma autocrítica da “exegese utópica”. O melhor testemunho disso consiste no artigo de Francisco Archila intitulado *Voltar a ser criança, uma bela utopia* (Mc 10,13-16). O autor percebe que (1) é necessário questionar o paradigma de onde se pensa e se assumem as utopias e (2) o uso do paradigma utópico não atrapalha a exegese, mas sim a

4 Nossos Negritos

racionalização da utopia. Tal racionalização, e não a utopia em si, impede que o exegeta escute e penetre verdadeiramente na simbólica bíblica. Pois, como exegetas:

Consideramos as utopias que nos alimentaram durante as décadas passadas (sociedade nova, homens novos, socialismo, etc.) como as únicas válidas e pertinentes no momento histórico e, de passagem, desconhecemos, negamos e condenamos, a partir de nossa racionalidade o potencial e o horizonte utópico presente em nossas culturas populares (ARCHILA, 1996, p. 55).

Percebe-se que a viragem operada pela RIBLA v. 24 consiste em redescobrir um “horizonte utópico popular”, condenado pela racionalidade moderna. Tal condenação é fruto da transformação do *gênero simbólico-narrativo*, que fora a Utopia cunhada por Thomas More em 1516, em um *conceito hermético* de leitura absoluta da história e da realidade decorrente do instrumental racionalista e marxista.

Uma vez que a sociedade moderna “pode explicar a utopia” (Ibid., p. 55), a proposta do autor é, através das culturas populares, recuperar e redimensionar o caráter simbólico e mítico da mesma. De tal modo que a utopia “faça justiça àquelas dimensões profundas do ser humano” (Ibid., p. 57). Tal exegese simbólica transparece uma dimensão utópica que alimenta a esperança das comunidades. Note-se aqui, que a utopia não emerge como uma mediação desde fora das escrituras e da realidade, mas aparece como a estrutura de ambas: como *forma ou gênero literário*.

Em suma, a RIBLA interpreta as Escrituras e a Pastoral usando o paradigma utópico. Percebe-se, porém, que o uso deste lexema não é unívoco, tão pouco, há uma definição explícita de utopia que envolva a maioria dos artigos da revista. Percebe-se que o lexema utopia é usado como *conteúdo* e como *gênero literário*. Por isso, num esforço de sistematização, esboçar-se-á os invariantes da utopia na RIBLA a partir dessas duas categorias.

4. UTOPIA NA RIBLA: CONTEÚDO VERSUS GÊNERO LITERÁRIO

Diante destes resultados destacam-se dois modos da presença do paradigma utópico na RIBLA: a utopia enquanto *conteúdo* e enquanto *gênero literário*. Essas duas formas revelam três características da utopia. Assim, o paradigma utópico é (1) força dinamizadora e crítica, (2) lugar de resistência e (3) está ligado às culturas populares. Tais características compõem o núcleo conceitual da utopia que será examinado por meio da discussão a seguir. Além disso, se analisará o significado de uma pontual ausência da noção de utopia em alguns volumes e artigos da revista.

A maioria dos artigos toma a utopia como um *conteúdo* dos textos bíblicos. Isso significa que o texto bíblico aponta uma realidade, realizável ou não, que anima as comunidades. Aqui o paradigma utópico é tomado em sentido *lato*. Ela é o *para onde*, a realidade que almejam as

comunidades cristãs. Por isso, fala-se que a ressurreição, o “novo céu e a nova terra”, entre outras realidades, “estão no horizonte como força de utopia” (RAMIREZ, 1988, p. 59-60).

Por um lado, o uso da utopia em sentido *lato* permite a atualização dos conteúdos bíblicos para a vida da comunidade. Por outro, o paradigma utópico é assumido sem nenhuma ou com pouca criticidade. Neste sentido, não se sabe se é a utopia que exerce a mediação para o texto bíblico ou vice-versa. A utopia emerge como um modo de explicar uma determinada períclope para a comunidade. Logo, o paradigma utópico está presente não porque a bíblia é “utópica”, mas porque as comunidades latino-americanas o são. Eis porque a leitura popular da bíblia:

Provém da prática da comunidade e a ela se direciona. São as lutas pela terra e pelo teto as que, entre nós, puxam, animam as redescobrir a história bíblica. É a opressão da mulher pobre e a espoliação da classe trabalhadora que direcionam a ótica de leitura. Reivindicam uma interpretação que parta do concreto e do social, das dores e utopias da gente latino-americana (SCHWANTES, 1988b, p. 81).

Ora, isso não invalida a exegese da RIBLA, do contrário, situa-a num contexto. Do mesmo modo, o trecho acima revela que o uso do paradigma utópico não é meramente “ideológico”. A utopia compõe o *Sitz im Leben* (ambiente vital) dos autores e das comunidades envolvidos na RIBLA de 1988 a 2000. Por isso, a exegese da RIBLA opera uma fusão de horizontes (GADAMER, 2003, p. 404) por meio do paradigma utópico. Além disso, o uso da utopia não é ideológico na revista porque muitos artigos assumem a utopia como *gênero literário*.

Como gênero literário a utopia é assumida em sentido *stricto*. Neste caso, a utopia é a forma simbólica que envolve uma determinada realidade. Neste sentido, os textos bíblicos irrigam a imaginação das comunidades propiciando novas maneiras de pensar, sonhar e de agir. O caso paradigmático disso na RIBLA é a exegese de Lv 25 (GALLAZZI, 1999, p. 71): da mesma forma que a obra de Morus indicava o Estado com a legislação perfeita, Lv 25 apresenta literariamente a lei do jubileu que, mesmo não existindo, pauta o ideal de vida do povo de Israel. Aqui o gênero utópico ajuda numa aproximação narrativa do texto buscando seu sentido primeiro. Por mais que o gênero utópico não seja um gênero bíblico, tomar a utopia como gênero literário, implica reconhecer que a exegese parte da dinâmica mesma da Escritura.

Isso implica renunciar o caráter ideológico da utopia, filho da racionalização da mesma operado pelas teorias da modernidade (capitalismo, marxismo e socialismo). O gênero literário chama atenção para o caráter mítico e simbólico da utopia. Como afirma Pablo Richard (1988, p. 14), a utopia compõe o sentido espiritual da leitura bíblica que indica o “para onde” se deve caminhar. Não obstante, é preciso se perguntar: por que optar pelo gênero utópico? Alguns autores, inclusive, o assumem em detrimento dos gêneros propriamente bíblicos como, por exemplo, o gênero apocalíptico (CROATTO, 2000, p. 26).

Nisso se explica a grande ausência do lexema em questão na exegese dos textos sapienciais, paulinos e joaninos. Os Livros Sapienciais enfatizam, de forma poética e simbólica a sabedoria de vida no aqui e agora que consiste no temor ao Senhor (Pr 9,10). Já os textos paulinos são os que mais desenvolvem o tema da Esperança Cristã. A seu tempo, os Escritos joaninos acentuam o conhecimento-amor de Jesus a Testemunha do Pai e não tanto a dinâmica do Reino como nos Evangelhos Sinóticos.

A ausência do lexema gera duas hipóteses que aqui não poderão ser resolvidas: (1) ou não há compatibilidade entre o gênero utópico e os blocos acima descritos ou (2) os gêneros bíblicos descritos já englobam a utopia e o *Sitz im Leben* das comunidades latino-americanas, em sua força simbólico-poética, bem como, em sua relação com a Esperança Cristã. Em todo caso, enquanto conteúdo e enquanto gênero literário, o conceito de utopia aparece na RIBLA como (1) *força dinamizadora de* (2) *resistência crítica* (3) *ligada às culturas populares*.

Como *força dinamizadora* a utopia movimenta as comunidades impelindo-as à ação e à transformação da história. Tanto os povos bíblicos quanto as culturas latino-americanas manifestam essa característica. Só pode haver transformação histórica na medida em que essa é planejada, sonhada, isto é, torna-se utopia. Por isso, a utopia não é a salvação social, antes ele emerge como “medida” pela qual se pode julgar os ataques contra a vida promovidos pela ordem vigente, ao passo em que se sonha com sociedades mais humanas (PIXLEY, 1994, p. 15). Isso se dá questionando e indo de encontro às figuras históricas de opressão e violência.

Eis porque a utopia é também *resistência crítica*. Ela é resistência (1) contra a opressão e (2) contra a desesperança. Da utopia nascem as energias necessárias para permanecer na vida cristã mesmo quando as condições sociais são adversas. Neste sentido, a utopia mantém aberta a possibilidade de mudança e transformação. Tal resistência incomoda o *status quo* e por isso é crítica: ao passo que nega o regime de opressão, ela propõe novos caminhos. Enquanto resistência, a utopia converte-se em “espiritualidade” (SARAIVA, 1992, p. 7).

Ora, tal espiritualidade só existe num *ethos* concreto, ou seja, nas *culturas populares*. A utopia que “prega” a RIBLA não é aquela do socialismo/comunismo ou do capitalismo fundada em bases racionais. A paradigma utópico presente na RIBLA aposta no intercâmbio entre as culturas originárias da bíblia e da América Latina. Somente nas das culturas populares é possível atingir o sentido narrativo e poético de um texto bíblico como dinamizador de utopias (ARCHILA, 1996, p. 58). Logo, é a exegese simbólica da bíblia que revela a utopia e não o contrário. Tal perspectiva é fundamental para uma autocrítica das utopias.

Por fim, percebe-se que a utopia em si não atrapalha a reflexão exegético-pastoral advinda da RIBLA. A principal razão disso é que o paradigma utópico compõe o *Sitz im Leben* dos autores e das comunidades do continente latino-americano. Como tal, a interpretação da bíblia presente na RIBLA deve ser vista como uma exegese contextual, isto é, uma “leitura popular”. Não obstante, falta por parte dos autores da revista uma maior explicitação disso,

bem como, uma autocrítica do uso do paradigma utópico na interpretação do texto bíblico. Acredita-se que a autocrítica eliminaria as equívocos e explicitaria o que se entende por utopia na RIBLA.

CONCLUSÃO

Em suma, diante dos resultados e da discussão apresentados pode-se afirmar que a exegese da RIBLA é eminentemente utópica. Há no método de interpretação dos autores um “momento” onde o paradigma utópico se faz presente de forma determinante. Tal momento transita na posição do paradigma como conteúdo ou como gênero literário. Sendo assim, quais as relevâncias e limites da presença da utopia na leitura popular da Bíblia na RIBLA (1988 – 2000)?

A presença da utopia é *relevante* porque constitui uma presença atual e eficaz na leitura bíblica latino-americana. Por meio da utopia o sentido bíblico ganha vida no meio da comunidade e a impele à vida Cristã. Isso fomenta a imaginação criativa fazendo com que estas comunidades possam resistir em contextos de crise (RICHARD, 1988, p. 15). Além disso, o paradigma utópico é imagem para uma realidade teológica maior: o texto bíblico não fala de Deus por meio de argumentos, mas *narra* Sua presença na história do Povo. Ora, e isso é feito por meio da única linguagem que o homem pode compreender: a linguagem humana.

Logo, enquanto linguagem humana, a utopia é um meio válido para a comunicação da Palavra de Deus. Ela não é só a face secular da Esperança Cristã (LIBÂNIO, 1989b, p. 181), mas constitui um dos meios pelos quais a Esperança pode se narrar. Neste sentido, a utopia é um convite para perscrutar o sentido mais originário do texto bíblico em seu conteúdo e sua forma. Ao mesmo tempo, ela é um modo de perscrutar o sentido mais originário da cultura latino-americana com seus mitos e símbolos fundadores.

Entretanto, o uso do paradigma utópico apresenta *limites*. Isso porque há sempre o risco de se esquecer quem opera a mediação: é a utopia que é mediação para a Bíblia ou a Bíblia para a utopia? Ora, se a última opção prevalece pode-se encerrar todo o conteúdo da Palavra de Deus no horizonte da história instrumentalizando a Palavra de Deus. Além disso, toda exegese utópica tem de se confrontar com a negatividade intrínseca da utopia: pois o fim de toda utopia é a sua destruição. Há sempre um “nada” no final das utopias enquanto a ação de Deus tende sempre para uma consumação: a de “Deus ser Tudo em todos” (1Cor 15,28).

Assim, a utopia tornar-se-ia uma força dinamizadora para o nada, uma resistência pela resistência, uma apologia sem sentido às culturas populares. Se somente um *conteúdo*, a utopia não foge da “armadilha racionalista” implicando naquilo que hoje se constata como “o desencanto pós-moderno” e o “fim das meta-narrativas”. Por isso, faz-se necessária a autocrítica da exegese utópica. Mesmo que utopia e cristianismo não sejam *a priori* incompatíveis, cabe ao exegeta explicitar seus pressupostos e assumi-los de forma consciente e consequente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Philippe O. de. *Crítica da razão antiutópica*. São Paulo: Loyola, 2018. (Col. Filosofia 93)
- ARANGO, José Roberto. A utopia enterrada: negação do ideal social na monarquia de Israel. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 24, 1996/2, p. 7-17.
- ARCHILA, Francisco R. Voltar a ser crianças, uma bela utopia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 24, 1996/2, p. 53-70.
- COMBLIN, José. Os pobres como sujeito da história. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 3. 1989, p. 36-49.
- CROATTO, José. La destrucción de los símbolos de los dominados. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, Rehue; DEI, n. 11, 1992, p. 37-49.
- CROATTO, José. ¿Quién pecó primero? Estudio de Génesis 3 en perspectiva utópica. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. Quito: RECU; DEI, n. 37, 2000, p. 15-27.
- GALLAZZI, Sandro. Jubileo ¡Aquí y ahora!. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. Quito, RECU; DEI, n. 33, 1999, p. 61-76.
- _____. Mis hijos y yo caminaremos en la alianza de nuestros padres. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, RECU; DEI, n. 11, 1992, p. 87-104.
- GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. 5ed. rev. Trad. de Flávio Paulo Meurer, nova revisão de Ênio Paulo Giachini e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GUERRERO, G. Solidaridad, goelazco y parábola. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, DEI, n. 18, 1994, p. 87-111.
- HINKELAMMERT, Franz. *Crítica da Razão utópica*. Chapecó: Argos, 2013.
- LIBANIO, João B. *Utopia e Esperança Cristã: a esperança não engana (Rm 5,5)*. São Paulo: Loyola. 1989a. (Fé e Realidade 26).
- _____. Utopia e esperança cristã. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte. v. 21, n. 54, maio/ago., 1989b, p. 179-197.
- LIMA VAZ, H. C. Cristianismo e pensamento utópico: a propósito da teologia da libertação. *Síntese Nova Fase*. Belo Horizonte, v. 11, n. 32, set./dez., 1984, p. 5-19.
- MESTERS, C. El Libro de la Alianza en la vida del pueblo de Dios Exodo 19-24. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. Quito, RECU; DEI, n. 23, 1996, p. 99-118.
- MIGUÉZ, Néstor. Presentación. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. Quito, RECU; DEI, n. 30, 1998, p. 5-8.
- PEREIRA, Nancy. O messias precisa sempre ser criança. *Revista de Interpretação Bíblica-Latino Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 24, 1996/2, p. 18-26.
- PIXLEY, J. Las Escrituras no tienen dueño: son también para las víctimas. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, Rehue; DEI, n. 11, 1992, p. 123-132.
- _____. La violencia legal, violencia institucionalizada la que se comete creyendo servir a Dios. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, Costa Rica: DEI, n. 18, 1994, p. 7-19.
- _____. Un llamado a lanzar las redes: El nuevo protestantismo y la lectura Popular de la Biblia. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, Rehue; DEI, n. 10, 1991, p. 99-120.

RAMIREZ, D. Violência e testemunho profético (Evangelho de Marcos). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 2, 1988/2, p. 57-88.

RICHARD, P. Evangelio de Mateo: una vision global y liberadora. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. Quito, Rebue; DEI, n. 27, 1997, p. 7-8.

_____. Leitura popular da bíblia na América Latina. *Revista de Interpretação Bíblica-Latino Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 1, 1988, p. 8-25.

RODRIGUEZ, R. Esperen el día de la llegada de Dios y hagan lo posible por apresurarla: 2 Pe. 3, 12. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, Rebue; DEI, n. 13, 1992, p. 45-56.

SAGRADA CONGREGACAO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. Petrópolis: Vozes, 1984. (Documentos Pontifícios 203).

SARAIWA, J. Editorial. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*. San Jose, Rebue; DEI, n. 13, 1992, p. 45-56.

SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno (visões em Am 7 – 9). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 1, 1988b, p. 81-92.

_____. Apresentação. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 1, 1988a, p. 5-6.

_____. Editorial. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. n. 24, 1996/2, p. 5-6.

TRINDADE, Lázaro T. Da exegese utópica à exegese da utopia: “presença-ausência” da utopia na revista de interpretação bíblica latino-americana (Ribla 1988-2000). In: SOTER (Org.). ANAIS DO 31º CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 2018, Belo Horizonte. *31º Congresso Internacional da Soter*. Religião, ética e política. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2012, p. 1596-1602. ISSN: 2317-0506.

_____. Utopia e leitura popular da Bíblia: A presença da questão utópica na Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana – RIBLA (1988 - 2000). *Annales Faje*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, 2018, p. 79-91.

ZABATIERO, J. ¡Jahve escucha el clamor! Una lectura de Génesis 4,1-16. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana RIBLA*, Quito, Rebue; DEI, n. 4, 1989, p. 15-28.